

Que viva Villa! – Os Corridos como narrativa da Revolução

Marco Antonio BIN

Doutor em Ciências Sociais pela PUCSP, professor da faculdade de Comunicação da FIAM-FAAM.

Em dezembro de 1914, enquanto a Europa mergulhava em plena convulsão militar, do outro lado do Atlântico se encontrava no auge uma revolução camponesa, cujos líderes Francisco Villa e Emiliano Zapata, respectivamente do Norte e do Sul, encontravam-se na capital, para dar andamento à Convenção que pretendia mudar a política mexicana. Este trabalho pretende apresentar a importância e a significação política de um deles, Francisco “Pancho” Villa, no processo da mobilização das forças camponesas, tomando como objeto a narrativa dos corridos villistas, peças literárias populares e anônimas “escritas sob o amparo das sombras e propagadas sotto voce” (Flores, apud Mendoza, 1956, p.9) que retratam os feitos da Revolução e de seu herói, e que durante sete anos (1910-1917) capitalizou os ânimos do país. De acordo com Octavio Paz, “a Revolução (foi) um excesso e um gasto, um chegar aos extremos, um estouro de alegria e desamparo, um grito de orfandade e de júbilo, de suicídio e de vida, tudo misturado” (Paz, 2006-p.134). Como metodologia, serão analisadas as letras dos corridos mais conhecidos, interpretados por Los Alegres de Terán, Los Cadetes de Linares, Los Tremendos Gavilanes, Amparo Ochoa, dentre outros, disponíveis nas redes sociais, relacionando com o contexto em que surgiram a partir de textos acadêmicos (Vicente Mendoza e Octavio Paz), jornalísticos (John Reed) e literários (Mariano Azuela, Carlos Fuentes).

Palavras-chave Corridos villistas; Revolução mexicana; camponeses; história; narrativa popular.



Introdução

A imagem acima destaca os dois personagens centrais da revolução mexicana, Francisco Villa e Emiliano Zapata, acompanhados pelos respectivos staffs, no palácio presidencial. Suas tropas, cerca de 60.000 soldados, desfilaram vitoriosas pelas ruas da Cidade do México. Estamos em dezembro de 1914 e a foto registra o momento supremo de suas carreiras políticas. Quatro anos antes, Villa não passava de um *cuatrero*, não mais do que um guerrilheiro sem causa, e agora é o grande vencedor político da convenção revolucionária de Aguascalientes, escolhido como chefe do exército convencionalista. Com ela, venceu em junho de 1914 a batalha de Zacatecas, que lhe rendeu poder e prestígio, contribuindo para a derrota do usurpador Huerta. Sua ação no campo de batalha aliada a seu carisma junto aos pobres será tema de inúmeras canções que irão imortalizá-lo na cultura mexicana. Estas manifestações de orali-

dade popular, produzidas no calor das batalhas, nos momentos de descanso dos soldados, pela gente humilde dos pequenos vilarejos, darão forma à aura em torno do nome de Pancho Villa, não sendo possível aos estudiosos separar com precisão o fato do mito. Em poucos meses Villa entrará em uma curva descendente, onde as duas derrotas em Celaya para Obregón colocarão um fim aos seus anseios políticos, retirando-se para o norte com o que sobrou da Divisão do Norte.

O objetivo deste trabalho é trazer algumas dessas manifestações orais, que se perpetuaram na cultura popular mexicana sob a forma de corridos. Por eles, é possível constituir uma narrativa do que foi a revolução mexicana, não tão fiel aos acontecimentos, mas rica em sua concepção imaginativa. Juntamente com a transcrição e análise de *corridos villistas* mais notáveis, tentarei apresentar as circunstâncias de seus temas em conjunção com outras formas de relatos, como as descrições de John Reed, que compõem seu livro *México Rebelde*, e a ficção de dois expoentes da literatura mexicana, Mariano Azuela e seu *Los de Abajo* e Juan Rulfo, com seu *Llano em Llamas*. Com isso, teremos uma leitura da revolução que se aproxima da beleza mágica das narrativas latino-americanas, onde na ausência dos documentos oficiais, o imaginário emerge e inspira a confecção dos fatos históricos.

Os Corridos Revolucionários

Segundo Vicente T. Mendoza (1956) as formas originais do corrido, gênero lírico-narrativo que compõe o acervo literato-musical da cultura mexicana, derivam do romance castelhano produzido na Andaluzia e Extremadura com o nome de *Carrerilla* ou *Romance Corríó*, adquirindo o formato atual em estrofes de quatro versos octassílabos com assonância nos versos pares, a partir de meados do século XIX. Neste modelo é comum um relato contendo saudação, registro cronológico, mensagens intercaladas e despedida, como se pode observar no corrido *La Toma de Celaya*:

Parte 1

Y en mil novecientos quince,
Jueves Santo en la mañana,
salió don Francisco Villa
de Torreón para Celaya.

Salen todos los dorados
de Saltillo a Paderón,
iban con rumbo a Celaya
y a combatir a Obregón.

Por la derecha e izquierda
iban las caballerías,
por el centro de la tropa
iban las infanterías.

Cuando llegan a los trenes
llegaron encarrerados,
y Villa los defendió
con su escolta de dorados.

¡Ay, los dorados de Villa
que siempre andaban con él!
unos tiraban balazos
y otros quitaban el riel.
(...)

Parte 2

(...)

Gritaba Francisco Villa
con sus fuerzas insurgentes:
-Vamos a reconcentrarnos
a Ciudad de Aguascalientes.

Corre, corre, maquinita,
no me dejes ni un vagón,
vamos a reconcentrarnos
a los centros de Torreón.

Vuela, vuela palomita,
al templo a rezar un rato,
por los seres que murieron
en Celaya y Irapuato.

Date gusto vida mía,
antes de que yo me vaya,
ya les canté a mis amigos
el ataque de Celaya.

Este trecho da narrativa descreve com emoção e parcimônia da primeira batalha de Celaya, ao trazer o ponto de vista dos *dorados* de Villa. Observa-se a disposição e os movimentos de suas tropas contra Obregón (*Por la derecha y izquierda/iban las cabaleras/por el centro de la tropa/iban las infanterias...*), e na parte final, já em meio à derrota que aponta no horizonte, a energia do comandante em reagrupar as tropas com o recurso dos trens (*Corre, corre maquinita/no me dejes ni un vagón*), antes da estrofe final, de despedida. Esse momento ocorre pouco após Villa deixar a capital e romper com Carranza, que assumiria a presidência do México no mês seguinte e então comandava as tropas constitucionistas, das quais Obregón fazia parte.

Em relação aos corridos revolucionários, no caso aqui estudado, os corridos villistas, os trovadores populares é gente da soldadesca, camponeses arregimentados ao sabor das campanhas e descrevem com riqueza de detalhes os fatos, sem deixar de inserir o ponto de vista de seus heróis, não só o maior, Francisco Villa, mas eventualmente seus generais, Urbina, Rodolfo Fierro, Pánfilo Natera, dentre outros, contribuindo para a formação dos mitos revolucionários. De acordo com Vicente Mendoza,

Los cancioneros, los trovadores del pueblo, entremezclados com los soldados, que también son pueblo, recorrerían los campos del combate y ya fuese cuando se trataba de descabros o de victorias, sentían como una misión ineludible informar a los demás

hombres de su clase de la verdad presenciada por ellos mismos, del dolor de los humildes (...). A través de la literatura ingenua que producían en versos desaliñados, a las veces mal medidos, se da uno cuenta de la intensidad del relato vívido y latente, preciso y exacto como de un testigo presencial (...). (Mendoza, 1956, p.20)

Essa intensidade vívida e latente, não tão precisa ou exata, mas com boa dose de zombaria verifica-se, por exemplo, no corrido *La Persecución de Villa*, leitura popular sobre a expedição punitiva que o exército dos Estados Unidos realizou em território mexicano, como represália à invasão das tropas de Francisco Villa a Columbus, em março de 1916. Conheço três versões cantadas, Los Hermanos Záizar, Los Alegres de Téran e a de Antonio Aguilar, porém considero a versão de Ignacio López Tarso a mais bela e contundente por sua declamação à maneira de poema épico. Como todo registro oral, o texto possui inúmeras versões, introduzidas ao sabor do tempo e do lugar. Abaixo, a versão narrada por López Tarso¹,

Patria México, febrero veintitrés,
dejó Carranza pasar americanos,
dos mil soldados, doscientos aeroplanos,
buscando a Villa, queriéndolo matar.

Después Carranza les dijo afanoso:
si son valientes y lo quieren combatir,
concedido, les doy el permiso,
para que así se enseñen a morir.

Comenzaron a echar expediciones,
los aeroplanos comenzaron a volar,
por distintas y varias direcciones,
buscando a Villa, queriéndolo matar.

Los soldados que vinieron desde Texas
a Pancho Villa no podían encontrar,

¹ No Youtube, http://youtu.be/j4f_A3XfGyU. Acesso em 15/08/2014.

muy fastidiados de ocho horas de camino,
los pobrecitos se querían regresar.

Los de a caballo ya no se podían sentar,
y los de a pié no podían caminar;
entonces Villa les pasa en su aeroplano
y desde arriba les dijo: Gud bay.

Cuando supieron que Villa ya era muerto,
todos gritaban henchidos de furor:
ahora sí, queridos compañeros,
vamos a Texas cubiertos con honor.

Mas no sabían que Villa estaba vivo
y que con él nunca iban a poder;
si querían hacerle una visita
hasta la sierra lo podían ir a ver.

Comenzaron a lanzar sus aeroplanos,
entonces Villa, un buen plan les estudió:
se vistió de soldado americano
y a sus tropas también las transformó.

Mas cuando vieron los gringos las banderas
con muchas barras que Villa les pintó,
se bajaron con todo y aeroplanos
y Pancho Villa prisioneros los tomó.

Toda la gente de Chihuahua y Ciudad Juárez
muy asombrada y asustada se quedó,
sólo de ver tanto gringo y carrancista
que Pancho Villa sin orejas los dejó.

Que pensarían los “bolillos” tan patones
que con cañones nos iban a asustar;
si ellos tienen aviones de a montones
aquí tenemos lo mero principal.

Todos los gringos pensaban en su alteza

que combatir era un baile de carquís,
y con su cara llena de vergüenza
se regresaron en bolón a su país.

Neste corrido há passagens infladas pela lenda popular enaltecendo o mito Pancho Villa. A primeira, os registros históricos não confirmam a presença de “doscientos aeroplanos” na busca de Villa. Conforme Silva Herzog, “[O governo dos EUA] ordenou que o general Hohn Pershing cruzasse a fronteira comandando poderosa coluna e penetrasse o Estado de Chihuahua em perseguição a Francisco Villa” (Herzog, 1995, p.223). Foi denominada “expedição punitiva” e que redundou em duas escaramuças entre tropas estadunidenses e grupos villistas, com baixas em ambos os lados. Não há referência a nenhum avanço aéreo, o que não impede que o corrido descreva com graça que o próprio Pancho Villa sobrevoe as tropas invasoras (*entonces Villa les pasa en su aeroplano/y desde arriba les dijo, Gud Bay*), escarnecendo com o fracasso da missão.

A seguir o ardil é mais sofisticado, Villa se veste de soldado americano e expõe bandeiras do país (*con muchas barras les pintó*) fazendo com que os aviões pousem e os inimigos, aprisionados. O curioso foi que a história dos aviões villistas ultrapassou fronteiras e ganhou uma versão cinematográfica pela Paramount Pictures, em 1968, com o filme *Villa Rides*, com Yul Brinner no papel de Francisco Villa.

Ao lado de Villa, o camponês e a mulher como protagonistas



Pancho Villa foi uma personagem muito popular por seu carisma junto aos seus comandados e por seu projeto de reforma agrária. Em 7 de junho de 1915 promulga uma Ley Agraria, que em grande parte não será cumprida, estabelecendo dentre outras ações, a expropriação de parcelas das grandes propriedades. Ocorre que neste momento sua estrela estava em declive, sofrendo derrotas militares e recuando para o norte do país. Mas persiste a fama do conquistador intrépido de Torreón, Ciudad Juárez e principalmente Zacatecas, no comando de sua mítica Divisão do Norte, vitórias cujos périplos nas batalhas foram descritos pelos cancioneros anônimos, e uma vez alcançando os ouvidos da gente humilde, possibilitou que o imaginário popular constituísse a inquebrantável aura de seu herói revolucionário. Em *Corrido del Norte*², temos a construção de um olhar a partir da primeira pessoa,

² No Youtube, a versão dos Halcones de Salitrillo: <http://youtu.be/oP2icYDQxL4>. Acesso em 15/08/2014.

Nací en la frontera de acá de este lado,
de acá de este lado puro mexicano,
por más que la gente me juzgue texano
yo les aseguro que soy mexicano,
de acá de este lado.

Porque uso de lado el sombrero vaquero
y fajo pistola y chamarra de cuero,
y porque acostumbro el cigarro de hoja,
y anudo en el cuello mi mascada roja,
me creen otra cosa.

Yo fui uno de aquellos dorados de Villa,
de Los que no damos valor a la vida,
de los que morimos amando y cantando,
yo soy de ese bando.

Yo tuve por novia una joven bonita,
la tropa le puso por nombre Adelita,
virtuosa y sumisa regalaba flores
y nos alegraba cantando canciones,
canciones de amores.

Fue la Valentina mi fiel soldadera
y por decidida llegó a coronela,
curó con sus manos mis pocas heridas,
me fue inseparable por toda la vida
mi fiel Valentina.

Por una coqueta perdí la cabeza,
por una coqueta llamada Marieta,
fue amante de toda, de toda la tropa,
por eso la quise por loca y coqueta,
mi linda Marieta.

Trata-se de uma declamação de um ex-dorado, como se denominam os soldados villistas, e que naturalmente sente orgulho de ser mexicano, frisando o fato de haver nascido do lado de cá da fronteira, de usar

sombrero vaquero, aqueles largos chapéus característicos do campo-nês mexicano, e de pertencer a esse bando que lutou, amou e cantou. As estrofes aqui são constituídas por cinco versos, as rimas sem seguir um padrão definido, um pouco de acordo com a definição de Vicente Mendoza citada anteriormente, “versos desalinhados e por vezes mal medidos”, reforçando a condição em que os corridos, elaborados sob o calor das batalhas, se constituíram em testemunhos presenciais dos acontecimentos.

Chamam atenção neste corrido as três últimas estrofes, onde ocorre uma mudança brusca na temática da narrativa, com a incorporação da mulher da revolução, que despertava a paixão desenfreada entre os soldados e a admiração do povo. Seu nome, Adelita, virtuosa e submissa, que cantava canções, e também Valentina, soldadera, nome atribuído àquelas que cumpriam inúmeras importantes atividades junto à tropa, cuidavam dos feridos, preparavam as cartucheiras na hora da batalha e mesmo cumpriam tarefas de espionagem, dentre outras. Adelita é descrita em um dos corridos mais famosos³,

En lo alto de una abrupta serranía
acampado se encontraba un regimiento
y una moza que valiente lo seguía
locamente enamorada del sargento.

Popular entre la tropa era Adelita,
la mujer que el sargento idolatraba
que además de ser valiente era bonita
que hasta el mismo coronel la respetaba.

Y se oía que decía
aquel que tanto la quería...

Si Adelita se fuera con otro

³ A versão mais arrebatadora e completa é a cantada por Amparo Ochoa, <http://youtu.be/YBEp2abxWF8>. Acesso em 15/08/2014.

la seguiría por tierra y por mar,
si por mar en un buque de guerra
si por tierra en un tren militar.

Si Adelita quisiera ser mi esposa,
y si Adelita ya fuera mi mujer,
le compraría un vestido de seda
para llevarla a bailar al cuartel.

Y después que terminó la cruel batalla
y la tropa regresó a su campamento
por la voz de una mujer que sollozaba
la plegaria se oyó en el campamento.

Y al oírla el sargento temeroso
de perder para siempre su adorada
escondiendo su dolor bajo el reboso
a su amada le cantó de esta manera...

Y se oía que decía
aquel que tanto se moría...

Y si acaso yo muero en campaña,
y mi cadáver lo van a sepultar,
Adelita, por Dios te lo ruego,
Que con tus ojos me vayas a llorar.

Além das Adelitas e Valentinas, também existiam as mulheres “robadas al pasar”, por soldados, que acabavam seguindo a tropa e em muitas ocasiões se enamorando de seus captores. Há na literatura mexicana os casos de Camila, do romance *Los de Abajo*, de Mariano Azuela, que cuidou dos ferimentos do revolucionário Demétrio Matias e permaneceu em sua companhia, e também “una muchachita de unos catorce años, de ojos bonitos, que me dio mucha guerra y me costó buen trabajo amansarla”, mulher robada por el Pinchón, do conto *El Llano en Llamas*. Ambos os personagens sucumbem ao final, de modos distintos, sugerindo por suas

maneiras e ações a linhagem com o general Francisco Villa, cumpridores de seus desígnios revolucionários.

Conclusão

A revolução faz explodir o imaginário reprimido pela longa ditadura porfirista (1866-1910), e nesse sentido seus acontecimentos ganham dimensão mítica com as narrativas dos corridos, elaboradas pelos soldados em campanha, e que ganharam novas roupagens à medida que circulou pelo imaginário da população. Pancho Villa tornou-se um herói de seu povo pela proximidade que manteve com ele e pelas ações ousadas que comandou, seja nas vitórias iniciais, como em Zacatecas, ou mesmo na derrota, como nas duas vezes em Celaya, mas já nesse momento, conforme o personagem Demétrio Matias, “a adversidade não desmerece sua grandeza mítica”.

O processo revolucionário edifica um imaginário que se renova pelas canções que reverenciam seus líderes. O corrido nos acampamentos torna-se uma prece, que não apenas narra os combates feridos, mas acalenta a alma dos homens ao redor do fogo, sob o luar silencioso das noites mal-dormidas. A dureza das batalhas só faz ampliar o efeito ambíguo que a devoção impressa nas canções desempenha. Se por um lado, desencadeia um processo de transformação irreversível, que irá modificar o México paulatinamente, com o passar dos anos, por outro, cristaliza um feixe de lendas em torno dos heróis de carne e osso, como Francisco “Pancho” Villa.

Referências Bibliográficas

AZUELA, Mariano. *Los de Abajo*. Barcelona, Editorial Vicens Vives, 2008.

GOMES, Marte R. *Pancho Villa*. México D.F. Fondo de Cultura Económica, 1992.

HERZOG, Jesus S. *Breve Historia de la Revolución Mexicana*. México D.F. Fondo de Cultura Económica, 1995.

MENDOZA, Vicente T. *El Corrido de la Revolución Mexicana*. México D.F. Biblioteca del Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución Mexicana, 1956.

PAZ, Octavio. *O Labirinto da Solidão*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2006.

REED, John. *México Rebelde*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

RULFO, Juan. *Obras, Juan Rulfo*. México D.F. Editorial RM – Fundación Juan Rulfo, 2014.